

Universidade Federal do Paraná
Curso – Bacharelado em Jornalismo
Emerson Araujo dos Anjos Junior

Trabalho acadêmico na disciplina C-029 Redação Jornalística II

Resenha acadêmica do Livro: “O Nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem”, Fabiana Moraes, 2015.

Curitiba, 2021

Síntese da obra

O livro “O Nascimento de Joicy”, escrito por Fabiana de Moraes, demonstra um pouco mais sobre a realidade das minorias presentes no povo brasileiro, mostrando explicitamente suas dificuldades e preconceitos diários. A primeira parte do livro mostra a série de reportagens escritas pela autora sobre um ex-agricultor chamado João, que se tornaria uma cabeleireira chamada Joicy. Fabiana conheceu Joicy na ala ginecológica do Hospital das Clínicas da cidade de Recife, em 2008. Com ela estavam mais oito mulheres que queriam trocar de sexo, porém Joicy foi quem mais chamou a atenção da repórter principalmente por não se preocupar em possuir características femininas. Ao se conhecerem melhor, Fabiana percebeu que gostaria de escrever sobre a história de Joicy, que vivia em uma situação extremamente precária, na cidade de Alagoinha, rodeada de preconceitos e sem apoio nenhum para conseguir sua cirurgia de mudança de sexo. A reportagem foi publicada em 2011, no jornal *Commercio* e rendeu um prêmio Esso a autora após a enorme repercussão na imprensa. A segunda parte do livro conta como foi conturbada a relação entre repórter e fonte durante a produção da matéria e principalmente após a publicação. Fabiana não conseguiu deixar de lado a empatia e por diversas vezes cedeu ao ajudar Joicy, o que futuramente acabou gerando problemas e desconfiças na relação entre as duas. Já na terceira e última parte do livro, a autora fala sobre essa tal relação jornalista-personagem, utilizando o jornalismo de subjetividade como sua linha de pensamento.

Quem era Joicy?

Joicy poderia facilmente ser a personagem principal de uma série. Desde o início do livro é capaz de perceber a dificuldade que a transexual tinha no seu dia-a-dia. De agricultor pernambucano até cabeleireira da vizinhança em Alagoinha, Joicy nunca teve apoio para poder seguir seu sonho e deixar de lado tudo aquilo que lhe incomodava a vida inteira. Pesando 74 quilos, medindo 1,63 metros de altura, Joicy chamava atenção por não se preocupar em querer parecer feminina. Com pouco cabelo e vestindo roupas masculinas, às vezes era motivo de piadas e principalmente de preconceitos por quem a cercava. Essa falta de afeto a tornava cada vez mais carente e necessitada de alguém. Cristiano Dorneles foi uma das primeiras pessoas que a fez conhecer o amor verdadeiro, um menino que após um acidente, teve sua cabeça desfigurada e que via na Joicy uma das únicas pessoas que não o julgavam pela sua aparência. Mesmo após idas e vindas, Joicy se entregava de corpo e alma para Dorneles, pois era apenas com ele que se sentia amada de verdade. Sempre imaginou que após a cirurgia sua vida iria mudar para melhor e que todo preconceito seria deixado de lado, mas a realidade foi dura com ela. O fato de viver em um ambiente hostil ao diferente, transformou a vida de Joicy em uma constante montanha-russa. As vezes feliz no amor e confiante em dias melhores, mas na maioria das vezes deprimida e ouvindo suas músicas no último volume para tentar fugir da triste realidade em que ela vivia. Vindo de uma família muito humilde, Joicy por diversas vezes passou por dificuldades financeiras e muitas delas geraram crises na relação entre ela e a repórter Fabiana Moraes. Ela também nunca demonstrou total confiança na repórter e por diversas vezes questionava a moralidade de Fabiana. Por ter essa personalidade tão complexa, Joicy é alguém único no mundo e que definitivamente merece dias melhores.

Uma referência a Deusa do amor

O nome do livro é uma referência direta a uma das maiores obras renascentistas do século XV. O quadro “O Nascimento de Vênus”, criado entre 1482 e 1485, é de autoria do pintor italiano Sandro Botticelli e mostra a Deusa do amor e da beleza emergindo do mar, já sendo adulta, conforme é descrito na mitologia romana. Essa referência ao quadro demonstra um pouco mais da genialidade de Fabiana Moraes, quando associa essa obra a Joicy. Em diversos momentos no livro, Fabiana retrata o dia da cirurgia como um novo nascimento, para quem até o momento era considerado como João.

“ No dia de seu nascimento, Joicy acordou às 5h da manhã. Vestiu uma de suas blusas favoritas, usada nos momentos de festa: estampada, ela é repleta de bolinhas de plástico que simulam lantejoulas. ‘Comprei para ir para o clube, quando a luz bate dá um efeito bonito, é boa para as festas, as baladas internacionais’.” —
Fabiana Moraes contando sobre o nascimento de Joicy.

“O Nascimento de Joicy”, Fabiana Moraes, 2015;
página 53, parágrafo 01

Neste trecho , Fabiana consegue demonstrar a importância que Joicy estava dando para aquele momento, deixando explícito que era algo que ela sonhou durante toda vida. Para a cabeleireira, após aquelas horas na sala de cirurgia, ela teria uma nova vida na sociedade, um nascimento sendo adulta, assim como Vênus. Essa nova realidade infelizmente não durou muito tempo e causou diversas frustrações em Joicy. Desde o mal acompanhamento pós-cirúrgico dos médicos, até o abandono de seu “amigo” Dorneles, o que era para ser um novo recomeço para a cabeleireira, acabou se transformando na mesma realidade que vivia na sua vida passada.

Além de tudo isso, Joicy teve um dos processos mais complicados para a realização da cirurgia. Pelo enorme preconceito fantasiado de desconfiança, a transexual foi exposta a inúmeros procedimentos médicos e psicológicos, até que pudesse realizar verdadeiramente sua cirurgia. A autora consegue entrar na pele do personagem e perceber todas as dificuldades que Joicy passava no dia-a-dia. Mesmo sem deixar explícito, a empatia de Fabiana com Joicy pode ter sido a grande responsável pela qualidade da obra.

“Joicy Melo da Silva nasceu no dia 22 de novembro de 2010, às 12h30. Pesava 74 quilos e media 1,63 metro de altura. naquele dia, mais sete partos foram realizados no Hospital das Clínicas (HC), na Cidade Universitária, Recife (PE). O de Joicy foi, sem dúvida, o mais complicado de todos: durou quase sete anos e envolveu uma série de especialistas. [...] Quando Joicy nasceu,

morreu João Batista, 51 anos, filho de Irene (83,viva) e de Eupídio Luiz (77, enterrado)." — Fabiana Moraes descrevendo o dia do nascimento de Joicy.

“O Nascimento de Joicy”, Fabiana Moraes, 2015;
página 31, parágrafo 01

A relação entre Joicy e Fabiana

Durante toda a obra e principalmente na segunda parte, Fabiana de Moraes coloca como questionamento jornalístico a relação de "amizade" que a autora tinha com Joicy. Existem diversos estudos e livros que falam sobre a relação complicada entre jornalista e fonte. Juliana Campani disserta em sua monografia: “ Um dos grandes desafios da atividade jornalística é manter-se isento e respeitar os limites profissionais, buscando sempre priorizar as informações com valor de notícia, e não beneficiar, de forma alguma, a fonte de quem se obtêm essas informações.” (CAMPANI, 2010). Porém, mesmo sendo um consenso jornalístico essa dificuldade, a relação de Fabiana e Joicy era considerada diferente da habitual.

Desde o início de sua trajetória com o personagem, Fabiana percebeu que Joicy passava por certas dificuldades que outras transexuais não passavam. Pelo simples fato de não se preocupar em demonstrar características femininas, Joicy sofreu com muito mais preconceito, desconfiança e dificuldade que a maioria das outras. Essas situações pouco a pouco foram criando um sentimento de empatia na autora, que desde o primeiro dia sentiu a necessidade auxiliar Joicy. Segundo o dicionário, o sentimento de empatia é considerado a ação de se colocar no lugar de outra pessoa, buscando agir ou pensar da forma como ela pensaria ou agiria nas mesmas circunstâncias. A partir do momento que Fabiana começou a se colocar no lugar de Joicy, se viu por várias vezes deixando de lado as “normas jornalísticas” e auxiliando a cabeleireira, seja financeiramente ou até emocionalmente. Em certo momento do livro, a autora deixa muito claro que começou a sentir uma certa responsabilidade com o futuro de Joicy :

“[...] Foi durante esse período, após a volta de Joicy para Alagoinha, que eu tive coragem de dizer para ela, com muito cuidado, que se cuidasse em relação àquele amor e, principalmente, guardasse algum dinheiro para si mesma, já que ela não poderia trabalhar durante algum tempo. Sabia que minha fala seria replicada para Dorneles mais tarde e que isso poderia provocar ruídos entre nós dois. Mas a espécie de obrigação em alertá-la falou mais alto: já me sentia comprometida com Joicy, acompanhava, apesar de pouco tempo, sua vulnerabilidade. Minha atitude não estava dentro do citado círculo técnico do jornalismo, mas era totalmente compatível com meu sentimento de responsabilidade.”

— Fabiana Moraes falando sobre seu primeiro conselho a Joicy

“O Nascimento de Joicy”, Fabiana Moraes, 2015;

Essa responsabilidade citada por Fabiana é o grande questionamento jornalístico no livro. A aproximação entre as duas começa a criar um vínculo completamente problemático para a sequência da reportagem e principalmente para o pós-reportagem.

Com o laço afetivo criado principalmente por Fabiane, a relação da repórter foge da tradicional metodologia chamada de jornalismo objetivo, onde o profissional deve ser neutro em relação à fonte e se preocupar principalmente na veracidade da informação. Fabiana parte para uma metodologia muito defendida por ela chamada de jornalismo de subjetividade, onde a repórter pode deixar de lado a neutralidade para conseguir ver a personagem por outro ponto de vista. Joicy a partir deste momento, passou a considerar a repórter como uma amiga pessoal, que por vários momentos era a única pessoa que estava ao seu lado, criando assim aberturas e sentimentos não convencionais nas relações com jornalistas. Joicy entendia que poderia a qualquer momento pedir uma quantia de dinheiro emprestado para Fabiana e sentia-se à vontade questionando a moralidade da repórter, que segundo Joicy, poderia estar “ganhando dinheiro em cima da transexual”. Esse tipo de problema foi corriqueiro na vida de Fabiana mesmo após a publicação da reportagem. Com a grande repercussão, inúmeras pessoas enviaram cartas pedindo informações de como poderiam ajudar Joicy. Em consequência dessa “fama” momentânea, o jornal publicou a conta bancária da cabeleireira para que a população pudesse ajudar com qualquer valor. O número de doações foi relativamente alto e conseguiu fazer a diferença na vida de Joicy, porém com o passar do tempo as doações foram diminuindo como um ato natural.

“[...] Aí nasceu um dos maiores conflitos entre Joicy e eu: ela, tomada pela crença de que sua transexualidade lhe garantiria um benefício eterno, acreditou que receberia, pelo resto da vida, algum dinheiro. Quando percebeu que não havia mais depósitos, passou a ligar com ainda mais frequência — durante todo o processo, mesmo depois da publicação do site e da matéria, não deixamos de nos falar. Do meu lado, sabia que precisava fazê-la ver que aquelas ações seriam pontuais, já que todos os dias os jornais mostravam pessoas em situações de vulnerabilidade, várias vezes também pedindo ajuda para estas. Mas como ela poderia entender isso? Como fazer Joicy compreender que aquela mulher que a acompanhava há tempos não era apenas “ela em si”, mas também uma empresa, um jornal? Que todas as vezes em que eu pude ajudá-la

financeiramente essa ajuda veio da minha pessoa, e não de uma instituição?”. — Relato de Fabiana sobre a mudança de comportamento de Joicy

“O Nascimento de Joicy”, Fabiana Moraes, 2015;
página 132, parágrafo 01.

Essa dificuldade de entendimento mostra o real problema da subjetividade na prática do jornalismo. Mesmo passando por todas essas dificuldades, Fabiana questiona se a objetividade é realmente a melhor maneira de se obter informações. A autora reflete que é completamente improvável que sem sua relação afetiva com Joicy, seria possível a conhecer tão bem para representar a personagem e sua complexa personalidade. Mesmo que a objetividade seja uma norma moral imposta pela profissão, Fabiana consegue brilhantemente defender e demonstrar que em determinadas situações a subjetividade pode ser o melhor caminho para uma reportagem.

A contemporaneidade do livro

Ser uma pessoa transexual no Brasil é precisar conviver diariamente com o preconceito, mesmo que indiretamente, da população e até órgãos governamentais que acabam julgando e excluindo essa classe. Um exemplo que pode ser citado foi quando aconteceu o debate sobre a cirurgia de transgenitalização, processo que só foi aprovado em 1997 pelo Conselho Federal de Medicina. Este procedimento é o sonho para muitas transexuais, principalmente em relação a se sentirem bem com seu próprio corpo. O grande problema é que quando foi aprovada a realização da cirurgia, foi determinado que o procedimento só poderia ser feito se tivesse caráter terapêutico. Esta resolução parte do princípio de que o paciente transexual é portador de desvio psicológico permanente de identidade sexual, com rejeição do fenótipo e tendência à automutilação ou auto-extermínio. Mesmo com a nova regularização, a liberação do procedimento continuou sendo extremamente complexa e demorada. A cirurgia requer que o paciente apresente diversos critérios e o tratamento siga um programa extremamente rígido, que inclui a avaliação de equipe multidisciplinar e acompanhamento psiquiátrico por no mínimo dois anos, para a confirmação do diagnóstico de transexualismo. Nada fácil e rápido para quem convive em um corpo que não é seu desde o nascimento. A cultura brasileira é vista e majoritariamente definida por gêneros binários, esta situação abre ainda mais brechas para o preconceito com as mais diversas orientações de gênero, principalmente para as transexuais. No Brasil, o preconceito com as pessoas trans é nítido. Desde palavras que foram criadas com a intenção de ser pejorativas ou através dos noticiários que mostram diariamente a morte de pessoas trans por serem elas mesmas. Com a ascensão do conservadorismo no Brasil, lamentavelmente ainda é muito comum o preconceito com a comunidade LGBTQIA+. A violência contra pessoas trans e travestis nesse primeiro semestre de 2021 mostrou uma alta significativa nos números. A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), registrou 89 mortes (80 assassinatos e nove suicídios) apenas no primeiro semestre de 2021, enquanto em 2020 ao todo foram 175.

O livro “O Nascimento de Joicy” consegue mostrar o lado humano de uma pessoa transexual e tudo que ela passa em seu dia-a-dia. A cada página lida é possível entender as dores de Joicy, perceber o abandono que ela passa diariamente por conta do preconceito imposto pela sociedade. É muito difícil ler o livro e não se colocar no lugar de Joicy. Essa empatia criada pelo personagem pode ser capaz de mudar o pensamento de quem lê. Em entrevista ao podcast “Roteirices”, Fabiana Moraes comenta que conviver com Joicy não mostrou a ela uma nova maneira de ser mulher. Conviver com Joicy, mostrou para ela o verdadeiro significado de ser mulher, que até então para ela era um significado completamente supérfluo. No livro “O Segundo Sexo” escrito por Simone de Beauvoir, a autora escreve uma frase que descreve exatamente o sentimento de Fabiana com Joicy: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Para ela, “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino”. Com a obra de Fabiana, é possível entender esse novo significado de ser mulher e com o avanço desse entendimento, a vida das pessoas transsexuais podem mudar para melhor.

Mesmo que essa afirmação pareça clichê, Joicy não é uma pessoa qualquer. Além de passar por todas as dificuldades de ser transexual, a cabeleireira tem diversas outras variáveis que tornam seu caso muito mais complexo que o da maioria. A primeira delas é a dificuldade financeira que passou durante toda sua vida. É extremamente raro ver alguém com tanta determinação para cumprir seu sonho, que por diversas vezes parecia ser impossível de alcançar, e não se deixando abalar independente do que ocorria. Foram horas caminhando no sol quente do nordeste, dias dormindo fora de casa e vários momentos onde nem comida tinha na própria geladeira. Diante de todas essas dificuldades, Joicy também passou por um processo extremamente mais demorado que a maioria das transsexuais antes da cirurgia. Em média são dois anos de preparação para a realização do procedimento, mas Joicy acabou passando por longos sete anos pela falta de dinheiro, transporte e até mesmo uma certa discriminação pela sua maneira de ser. A personagem se entregou de corpo e alma para realizar esse sonho, quando era questionada pela família sobre o medo de morrer no procedimento, Joicy respondia: “Eu não tenho medo de nada, é o trem passando e eu me jogando”. É essa coragem que torna Joicy especial. Motivada pelo amor e pela aceitação, a cabeleireira da vizinha moveu montanhas para conseguir o que sempre sonhou. Um outro ponto notável é o fato de Joicy ser uma mulher do sertão nordestino, um local que por diversas vezes é tratado nos filmes e até mesmo na mídia como um lugar repleto de ignorância e preconceito. Ao conviver meses com a transexual, Fabiana notou que Joicy sofria muito mais preconceito em capitais como Recife do que na sua própria cidade natal. Também na entrevista ao podcast, a autora afirma que muitas pessoas respeitavam Joicy por “não incomodar” ninguém na cidade, porém ao chegar em uma cidade grande como São Paulo para a parada gay, Fabiana percebeu os diversos olhares maldosos e preconceituosos que iam em direção a Joicy. A falta de informações e às vezes até a xenofobia, molda o pensamento da sociedade criando algumas distorções da realidade, esquecendo que o problema maior pode ser nós mesmos.

É comum ao assistirmos televisão ou lermos jornais, a apelação midiática para determinadas pautas. A transexualidade é vendida para o jornalismo tradicional como algo “folclórico”, algo bizarro e fora da nossa realidade. Essa característica deve-se principalmente pela prática do jornalismo de objetividade, onde o repórter prefere ver o personagem de uma maneira neutra e deixa de conhecer as principais particularidades e a personalidade da fonte. Quando Fabiana cria laços afetivos com Joicy e começa a praticar o jornalismo de subjetividade, a autora entende que tudo aquilo que é mostrado na mídia tradicional está completamente longe

da realidade. O livro “O Nascimento de Joicy” traz a questão de que nem sempre as práticas do jornalismo tradicional são as melhores. Às vezes, a adequação para determinada situação pode trazer resultados muito mais satisfatórios do que se manter no tradicionalismo.

Narrativa do livro

A narrativa da obra “O Nascimento de Joicy” é feita de maneira completamente fluida, misturando elementos da escrita jornalística e da escrita literária. A primeira maneira de perceber essa metodologia jornalística é analisando que a primeira parte do livro mostra a reportagem sendo escrita como uma longform. Esse estilo, trata-se de uma matéria mais extensa e que às vezes é separada em capítulos, normalmente usada em grandes reportagens ou em artigos. Fabiana utiliza-se também de vários outros recursos jornalísticos para a escrita do livro: a linguagem de fácil compreensão, exceto no ensaio na parte final do livro, e principalmente a utilização de uma história para colocar uma pauta em discussão. Como uma jornalista, Fabiana entende que seus textos devem ter um ponto reflexivo e que possam gerar uma discussão na sociedade. Nessa obra, a autora se utiliza de Joicy para refletir principalmente sobre a dificuldade de ser uma transexual no Brasil.

Existem diversas características literárias presentes durante o livro. A primeira delas é a utilização de vários personagens para dar mais profundidade à história. Fabiana fala detalhadamente sobre diversas pessoas além de Joicy, como por exemplo Dorneles, Irene, Luciana, Dejanira, entre outros. Outra característica presente no texto é a descrição detalhada de alguns diálogos:

“Nenem: Eu não tenho nada contra você, mas tem um risco. Tenho medo da cirurgia em si.

Joicy: Não vai acontecer nada, vai dar tudo certo.

Nenem: Eu sou contra, não precisava chegar a esse extremo, você com essa idade... [...]” — Conversa entre Joicy e um de seus parentes

“O Nascimento de Joicy”, Fabiana Moraes, 2015;
página 44, parágrafo 01.

Fabiane para dar mais envolvimento na história, descreve personagens e ambientes de maneira bem detalhada. Por diversas vezes no texto era possível ler e imaginar-se dentro do local descrito pela autora.

“ Eram nove mulheres sem útero e ovários, sem clitoris e vagina, aguardando o atendimento médico no setor de ginecologia do Hospital das Clínicas. No meio de calças jeans justinhas, cintos com tachas, vestidos floridos e sandálias altas, uma se destacava. Não era Cris, Valentina, nem

Camila. Tampouco Eduarda, Grazielle ou Juliana. Nem Tamires ou Dominic. Quem não usava cinto enfeitado, vestido de flor e cabelão era aquela mais do canto. Parecia homem. Mas se chamava Joicy.”

— Fabiana detalhando os personagens e o ambiente que estava

“O Nascimento de Joicy”, Fabiana Moraes, 2015;
página 33, parágrafo 01

A autora fala em alguns momentos sobre seus próprios sentimentos em relação a situação e detalha várias vezes seu ponto de vista. Outra característica literária utilizada por Fabiana é a utilização da primeira pessoa na narrativa.

“Quando encontrei Joicy pela primeira vez, em outubro de 2010, ela encantou-se com a minha atenção [...]. Ao chegar, na manhã de uma segunda, ao Hospital das Clínicas, Zona Oeste de Recife, não percebi que ela, sentada com as pernas abertas em meio às outras transexuais de maneiras [...]” — Fabiana utilizando-se da primeira pessoa

“O Nascimento de Joicy”, Fabiana Moraes, 2015;
página 94, parágrafo 02

Reflexões além da transexualidade

A leitura da obra de Fabiana Moraes nos permite refletir sobre diversos aspectos além do preconceito contra a transexualidade. A religião faz parte da cultura do brasileiro há séculos, mas um ponto interessante percebido durante a obra é o uso do nome de Deus para justificar um preconceito ou até mesmo fingir uma aceitação. São diversos momentos no livro onde percebe-se que o fato de Joyce estar “mudando sua naturalidade”, aumenta o preconceito das pessoas que a cercam.

“Tenho nada contra não, Deus ajude. Acho que a coragem dele é até demais, essa vontade de virar mocinha?” — Cosmo Bezerra de Freitas, 71 anos e aposentado

“O Nascimento de Joicy”, Fabiana Moraes, 2015;
página 35, parágrafo 03.

Esse tipo de afirmação é recorrente durante toda a obra. Segundo a autora, praticamente todas as pessoas com quem ela conversou sobre a cirurgia de Joicy, tentavam fingir uma aceitação afirmando que quem precisaria cuidar disso era Deus. Esse aspecto cultural da falsa aceitação por várias vezes tranquilizaram Joicy, que a partir de certo ponto começou a também se utilizar dessa argumentação para evitar problemas e longas discussões.

Socialmente falando Joyce também passava por vários problemas. Os termos pejorativos utilizados pelos conhecidos e principalmente a falta de apoio direto, afetavam a rotina de Joicy que por diversas vezes se derramava em lágrimas por conta da solidão.

“A censura de Pedro, que mescla bom humor e uma sempre perigosa ignorância (‘ela agora vai deixar de ser traveco, vai ser bicha mais não’), é uma das poucas feitas verbalmente na cara de Joicy. No distrito, ela enfrenta uma situação particularíssima, na qual há, de um lado, o apoio declarado de vários vizinhos e conhecidos, enquanto, do outro, há a solidão provocada pela ausência desses mesmos chegados” — Relato de Fabiana sobre a falta de apoio com Joicy

“O Nascimento de Joicy”, Fabiana Moraes, 2015;
página 36, parágrafo 02.

Um dos momentos mais marcantes do livro e que explicitam esse aspecto é quando Joicy é abandonada no hospital após sua cirurgia. Dorneles era a única pessoa que ainda mantinha um contato direto com Joicy e após poucos dias acabou indo para sua casa por diversos motivos. Sua saída foi muito significativa para a cabeleireira que sentiu-se completamente abandonada e desiludida com a sua nova realidade. Essa falta de apoio é vista até os tempos atuais, onde é frequente ver pessoas do grupo LGBTQIA+ sofrendo pela violência diária e nenhum tipo de atitude é tomada por quem está próximo.

A mídia teve um grande impacto nas mudanças imediatas que ocorreram na vida de Joicy após o lançamento da matéria. A divulgação em massa nas redes sociais acabou tornando Joicy uma “celebridade” em questão de pouquíssimo tempo.

“Um instrumento fundamental para a dispersão da reportagem pelo país foi o Twitter, rede social da qual nunca fui uma usuária hard. Donos de perfis com milhares de seguidores, como a historiadora Conceição Oliveira (@maria_fro) e a jornalista Cynara Menezes (@cynaramenezes), além de coletivos [...], passaram a

comentar e a replicar a reportagem. Em poucas horas, centenas de postagens falavam sobre a cabeleireira de Alagoinha.” — Relato de Fabiana sobre a importância das redes sociais

“O Nascimento de Joicy”, Fabiana Moraes, 2015;

página 132, parágrafo 01.

A explosão de menções e as diversas mensagens de apoio começaram a alterar a maneira que Joicy agia. Fabiana relata que Joicy começou a se sentir cada vez mais usada como objeto de lucro. As cobranças em relação ao dinheiro ficaram cada vez mais frequentes, enquanto o ego de Joicy ficava cada vez mais inflado.

Mesmo que pareça um comportamento infantil, é completamente entendível essa mudança de atitude. Joyce passou a vida inteira por dificuldades financeiras e nunca teve nenhum apoio. A falta de comida na geladeira, a dinheiro para se transportar para os hospitais era algo rotineiro na vida da cabeleireira. É quase impossível qualquer ser humano se comportar da mesma maneira e não esquecer a sua antiga realidade.

“Quando percebeu que não havia mais depósitos, passou a ligar com ainda mais frequência — durante todo o processo, mesmo depois da publicação do site e da matéria, não deixamos de nos falar. Do meu lado, sabia que precisava fazê-la ver que aquelas ações seriam pontuais, já que todos os dias os jornais mostravam pessoas em situações de vulnerabilidade, várias vezes também pedindo ajuda para estas. Mas como ela poderia entender isso? Como fazer Joicy compreender que aquela mulher que a acompanhava há tempos não era apenas “ela em si”, mas também uma empresa, um jornal? Que todas as vezes em que eu pude ajudá-la financeiramente essa ajuda veio da minha pessoa, e não de uma instituição?” — Relato de Fabiana sobre a mudança de comportamento de Joicy

“O Nascimento de Joicy”, Fabiana Moraes, 2015;

página 132, parágrafo 01.

Ao longo dos anos, Fabiana foi convidada várias vezes para escrever reportagens, produzir séries e novelas tendo Joicy como a personagem principal. Mas a autora sabia que Joicy precisava voltar a sua verdadeira realidade e que todas as vezes que voltasse a ser o “assunto”, retornaria com suas atitudes egoístas.

Subjetividade é uma complexidade da objetividade

Fabiana defende em toda a obra a forma subjetiva do jornalismo lidar com história; na última parte do livro, onde Fabiana começa o ensaio sobre a subjetividade dentro do jornalismo, a jornalista implica ideias que não são nada comuns dentro do mundo objetivo e realista que, supostamente, deveríamos vivenciar dentro das éticas do jornalismo.

“É preciso pensar em um jornalismo que se utilize, sem constrangimentos, da subjetividade, reconhecendo-a como um ganho fundamental na prática da reportagem e mesmo na notícia cotidiana. Nele, são considerados, e não negados, os elementos que escapam da “rede técnica” dessa área de conhecimento. Assume-se que não é possível domar o mundo exterior – e o Outro – em sua totalidade (independentemente de estarmos lidando com um “fato”, “fenômeno” ou “acontecimento”), mas que devemos, antes, incorporá-lo, dentro de nossas limitações, às práticas jornalísticas. Assim, englobamos as fissuras e as subjetividades inerentes à vida – o resultado é uma produção na qual o ser humano é percebido em sua integralidade e complexidade, com menos reduções. É, certamente, um caminho para minar clichês e lugares-comuns que tantas vezes só engessam nosso olhar sobre o mundo.”

“O Nascimento de Joicy”, Fabiana Moraes, 2015;
página 159, parágrafo 01.

A justificativa pela escolha da forma de subjetividade imposta na atuação de Fabiana para lidar com Joicy e aplicar essa realidade dentro do livro, é o contexto social que necessita de empatia e não se exime das dificuldades impostas nessa forma de jornalismo, uma vez que a relação jornalista-personagem se dificulta muito mais do que em uma realidade objetiva normativa. Até mesmo a questão antropológica, filosófica e sociológica imposta na relação da produção de maneira de pensar filosoficamente na produção do texto, implica-se muito na forma de produção do texto de Fabiana; não é em si uma abstração do mundo – situação tão odiada por muitos jornalistas -, mas sim uma forma de produção e construção de sentidos, cujo o processo busca sempre o esclarecimento das situações mundanas, perante a visão subjetiva da situação. Tal contexto é todo explicado de maneira prática na produção do texto e a relação de Joicy com a jornalista.

Acredito que a reflexão de Fabiana sobre o jornalismo de subjetividade, utiliza uma argumentação válida e que nos faz repensar alguns conceitos. O fato do jornalismo de objetividade fazer parte das “normas jornalísticas”, faz com que a grande maioria das reportagens sigam a mesma linha de raciocínio e por diversas

vezes deixam de captar vários aspectos interessantes do personagem. Mesmo sabendo de todos os problemas que o jornalismo de subjetividade pode trazer, ter uma segunda opção pode melhorar muito a qualidade da matéria.

Vale a pena ler o livro?

O livro “O Nascimento de Joicy” é uma obra essencial para qualquer estudante de jornalismo, independente de qual área pretende atuar. A fluidez nas informações, a maneira que a história é contada e principalmente a qualidade na reflexão sobre o jornalismo de subjetividade, traz ao futuro jornalista uma nova perspectiva de como se portar na profissão. Na minha avaliação, o livro consegue cativar o estudante mostrando que o ramo jornalístico é amplo e é possível ter sucesso na área independente da maneira que se pratique o jornalismo, desde que se mantenha a ética. Além disso, o livro não fala apenas sobre esse estilo de jornalismo, mas também mostra uma realidade que normalmente não conseguimos enxergar. A aproximação de Fabiana com a personagem, tornou a autora capaz de relatar sobre o lado mais humano de Joicy e de todas as dificuldades que passava diariamente. Essa nova maneira de se comunicar com a fonte foi algo completamente novo para mim e definitivamente o que mais me agradou no livro. O único lado negativo que consegui perceber na obra é que a presença do ensaio no final pode dificultar o entendimento dos leitores, principalmente os que não são jornalistas.

Mesmo com uma reflexão mais técnica no final do livro, acredito que esta obra pode ser também recomendada para o público em geral. Durante a leitura é possível aprender sobre a transexualidade, sobre o processo cirúrgico e também sobre como é a vida em um sertão nordestino. Além disso, o leitor pode entender um pouco mais sobre os dilemas e dificuldades que o jornalista tem com a sua fonte, deixando mais claro determinadas atitudes de alguns profissionais. Na minha opinião, essa ampla quantidade de informações torna o livro uma das grandes obras literárias brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5 reflexões para entender o pensamento de Simone de Beauvoir. [S. l.], 11 jan. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/01/5-reflexoes-para-entender-o-pensamento-d-e-simone-de-beauvoir.html>. Acesso em: 15 jul. 2021.

TRAVESTIS e trans precisam de políticas públicas em Pernambuco. [S. l.], 9 jul. 2021. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2021/07/travestis-e-trans-precisam-de-mais-politicas-publicas-em-pernambuco.html>. Acesso em: 13 jul. 2021.

CAMPANI, Juliana. A relação entre jornalistas e fontes de informação no programa Hoje nos Esportes. [S. l.], 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/25620>. Acesso em: 15 jul. 2021.

JORNALISMO LONGFORM É A NOVA APOSTA DO CIBERJORNALISMO. [S. l.], 6 set. 2017. Disponível em: <https://faesadigital.com/2017/09/06/jornalismo-longform-e-a-nova-aposta-do-ciberjornalismo/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

Podcast Vida de Jornalista (Fabiana Moraes), de Rodrigo Alves; com a convidada Fabiana Moraes, episódio 26. Publicado em 16 de janeiro de 2019.